

# O JORNALISMO COMO CONTRAPONTO AO NEGACIONISMO: A COBERTURA DAS QUEIMADAS DE 2019 NO JORNAL NACIONAL APÓS O DISCURSO PRESIDENCIAL

*JOURNALISM AS A COUNTERPOINT TO DENIALISM: THE COVERAGE OF THE 2019 FIRES IN THE NATIONAL NEWSPAPER AFTER THE PRESIDENTIAL SPEECH*

*EL PERIODISMO COMO CONTRAPONTO AL NEGACIONISMO: LA COBERTURA DE LAS QUEMADAS DE 2019 EN EL JORNAL NACIONAL DESPUÉS DEL DISCURSO PRESIDENCIAL*

Lucas Rodrigues Felix<sup>1</sup>  
Luciana Miranda Costa<sup>2</sup>

## Resumo

Em 2019, enquanto a Amazônia registrava o seu ano mais incendiário da década, o presidente brasileiro Jair Bolsonaro convocou um pronunciamento em rede nacional de televisão para minimizar o impacto das queimadas no principal bioma do país. A cobertura jornalística da TV Globo, por meio do Jornal Nacional, foi responsável por contextualizar a importância da preservação do meio ambiente de forma mais ampla para o grande público, mesmo que ainda tenha priorizado os detentores do poder. O artigo observa quais foram as vozes e campos que ganharam espaço no noticiário mais assistido do Brasil para a abordagem da seara ambiental, frisando o destaque concedido pelo JN aos membros do campo social ligado ao poder político.

**Palavras-chave:** crise ambiental; jornalismo ambiental; Amazônia; Jair Bolsonaro; TV Globo.

## Abstract

In 2019, while the Amazon recorded its most incendiary year of the decade, Brazilian President Jair Bolsonaro made a national television statement to minimize the impact of the fires in the country's main biome. TV Globo's news coverage, through the Jornal Nacional, was responsible for contextualizing the importance of preserving the environment more broadly for the public, even if it still prioritized those in power. The article looks at the voices and fields that were given space in Brazil's most-watched newscast to address the environmental issue, highlighting the prominence given by JN to members of the social field linked to political power.

**Keywords:** environmental crisis; environmental journalism; Amazon; Jair Bolsonaro; TV Globo.

## Resumen

En 2019, mientras Amazonia registraba su año más incendiario de la década, el presidente brasileño Jair Bolsonaro convocó un discurso en una red nacional de televisión para minimizar el impacto de las quemadas en el principal bioma del país. La cobertura periodística de TV Globo, por medio del Jornal Nacional, fue responsable por contextualizar la importancia de la preservación del medio ambiente de forma más amplia para el gran público, aunque se ha priorizado a los titulares del poder. El artículo observa cuáles fueron las voces y campos que ganaron espacio en el noticiero más visto de Brasil para el enfoque del ambiente, destacando el énfasis concedido por JN a los miembros del campo social relacionados con el poder político.

**Palabras clave:** crisis ambiental; periodismo ambiental; Amazonia; Jair Bolsonaro; TV Globo.

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em Estudos de Mídia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN), na linha de pesquisa de Estudos da Mídia e Produção de Sentido. Bacharel em Comunicação Social com habilitações em Jornalismo (2017) e audiovisual (2023) pela mesma instituição. Especialista em Comunicação Digital e Comunicação e Marketing Esportivo pela Universidade Potiguar (UnP).

<sup>2</sup> É professora titular do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPGEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987); mestrado em Planejamento do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Pará (1996); doutorado em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental pelo NAEA/UFGA (2004), com estágio de doutoramento na Universidade de Indiana (Anthropological Center for Training and Research on Global Environmental Change) e no Woods Hole Research Center.

## 1 Introdução

Ao longo do segundo semestre de 2019, durante o primeiro ano do mandato de Jair Bolsonaro como presidente da República, o Brasil ocupou um espaço de destaque no noticiário ambiental sobre as mudanças climáticas. O país se tornou alvo de cobranças internacionais pelos incêndios florestais que afetaram vários de seus biomas, incluindo de forma acentuada a Amazônia. A NASA, agência espacial dos Estados Unidos, apontou o referido ano como o mais incendiário da sua década<sup>3</sup>. Conforme Vicentini *et al.* (2022, p. 3), a expansão da degradação de áreas amazônicas decorre de fatores diversos, o que dificulta uma cobertura jornalística que consiga contemplar as múltiplas nuances por trás dos indicadores.

O crescimento significativo da área desmatada e do número de incêndios florestais na Amazônia já era apontado desde junho pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Diante dos indicadores, Jair Bolsonaro e o então ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, reagiram desacreditando as informações e buscando formas de dificultar a divulgação dos dados registrados.

Em 20 de julho, Ricardo Galvão, até então diretor do INPE, concedeu uma entrevista exclusiva ao Jornal Nacional, da TV Globo, para rebater as declarações do chefe do Executivo federal. Ele se disse surpreso e indignado com o posicionamento do Palácio do Planalto, classificando o questionamento público do presidente na espera de que ele fizesse um pedido de demissão como pusilânime. O cientista seria exonerado treze dias depois, em 2 de agosto. Durante a campanha eleitoral no ano anterior, Jair Bolsonaro já prometia de forma reiterada o afrouxamento de mecanismos de fiscalização e proteção do meio ambiente. Ao longo de agosto, foram registrados 34,6% dos 89.176 focos de incêndio identificados durante todo o ano de 2019 pela plataforma TerraBrasilis, desenvolvida pelo INPE.

Em depoimento dado à Félix (2022), Galvão rememorou que ele foi inicialmente procurado pela Rede Vanguarda, afiliada da TV Globo em São José dos Campos, município em que residia, para que pudesse responder aos ataques presidenciais. O professor afirmou que “esperava alguma repercussão, devido à relevância que a questão de preservação da Floresta Amazônica tem no atual cenário de aquecimento global”, porém se surpreendeu com a dimensão internacional atingida rapidamente pela celeuma. A sua dispensa motivou o primeiro pico de repercussão da questão ambiental no JN ao longo de agosto de 2019, mês em que a pauta foi especialmente destacada pelo noticiário exibido em horário nobre.

---

<sup>3</sup> Os cientistas identificaram ainda que o perfil dos incêndios apontou mais consistência na relação com o desmatamento do que com a seca. Disponível em: <https://earthobservatory.nasa.gov/images/145498/uptickin-amazon-fire-activity-in-2019>. Acesso em: 27 jun. 2024.

A situação no bioma amazônico se tornou alvo da atenção mundial em escala ainda maior no dia 22 de agosto, data em que Emmanuel Macron, presidente da França, se manifestou pela primeira vez em uma rede social expondo a sua preocupação sobre as queimadas. Na ocasião, ele indicou que levaria o tema ao debate durante a cúpula do G7, da qual seria anfitrião dias depois. Em resposta, integrantes do governo brasileiro, como o próprio presidente Jair Bolsonaro e o ministro da Economia Paulo Guedes chegaram a proferir ofensas misóginas e etaristas contra a primeira-dama francesa Brigitte Macron.

A reação presidencial foi amplamente desaprovada pela sociedade brasileira. Em 23 de agosto, ao fazer um pronunciamento em rede nacional de televisão, Bolsonaro foi alvo de painéis em diversas cidades. Segundo pesquisa realizada pelo instituto Datafolha<sup>4</sup> entre os dias 29 e 30 de agosto de 2019, com 2.878 entrevistas, 75% dos brasileiros concordam com a afirmação de que “o interesse de outros países na Amazônia é legítimo pois ela é importante para todo o planeta e corre riscos”. 71% consideraram ainda que o desmatamento na maior floresta tropical do mundo havia aumentado em 2019. O mesmo estudo expôs ainda um grau de conhecimento elevado da população sobre o contexto, com a maioria dos indivíduos tendo sido informada inclusive sobre a celeuma entre os presidentes do Brasil e da França no período.

Mesmo diante do levantamento, Bolsonaro seguiu adotando uma postura negacionista, desconsiderando as comprovações científicas sobre a gravidade da situação ambiental do planeta, em diversas ocasiões. A desafeição de Jair Bolsonaro pela ciência, com a desinformação causada por seus discursos afetando múltiplas áreas, se tornaria ainda mais preocupante meses depois com a chegada da pandemia de Covid-19 ao país.

O negacionismo ambiental praticado por Bolsonaro é listado por Miguel (2022, p. 295) como um acontecimento que transcende a própria figura do político, sendo um dispositivo utilizado para influenciar o debate público, por uma lógica extremista além das próprias decisões do Executivo. Conforme Behr (2022), o negacionismo do clima surge com um caráter conspiratório que despreza completamente os dados, tentando imputar uma suposta guerra ideológica oculta dentro da questão ambiental. Amorim (2022, p. 26) lembra que o discurso que nega a ciência ganhou espaço na mídia muitas vezes com um aspecto folclórico, sem a cobrança incisiva da imprensa pela apresentação de evidências.

Somente diante dos riscos trazidos ao debate público, após a chegada de Bolsonaro ao Planalto, Girardi, Loose e Steigleder (2020, p. 60) ressaltam que o JN passou a contextualizar

---

<sup>4</sup> A pesquisa, que ouviu apenas maiores de 16 anos, registrou também a desaprovação da população brasileira sobre a condução do Governo Federal durante a crise das queimadas na Amazônia. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2019/09/02/bfbbcefe0cfbd1eacb357c3cf8f14d6eaa.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

melhor as mudanças ambientais, ampliando o seu leque de perspectivas sobre a temática. Há o apontamento de que o houve uma maior associação das pautas ambientais com a questões políticas, “se aproximando das orientações do jornalismo ambiental, sobretudo na importância de conectar causas e consequências, problemas e soluções para além de editoriais específicas”.

## **2 Materiais e métodos**

Por meio da análise de conteúdo, este artigo busca analisar os sentidos transmitidos pelo Jornal Nacional ao público durante a cobertura dos incêndios, especialmente na edição que sucedeu a rede nacional convocada por Jair Bolsonaro, no dia 23 de agosto de 2019. Os procedimentos visam apontar as tendências do direcionamento editorial e identificar as formas de abordagem do jornalismo ambiental. A partir dessa premissa, será possível observar quais os principais sentidos apreendidos sobre a região amazônica por meio das vozes e discursos selecionados pela TV Globo.

A análise de conteúdo tem se aplicado ao estudo da comunicação em suas diversas formas, sendo para Bardin (1977) um instrumento que se adapta em diversos campos de pesquisa. Chizzotti (1991) destaca a técnica pela habilidade com que permite a combinação de elementos qualitativos e quantitativos, entendendo o sentido emitido pelos meios de forma mais ampla, assim reduzindo o risco de eventuais omissões da pesquisa.

Ao aliar a quantificação precisa com o rigor na análise, a análise de conteúdo demonstra, na visão de Fonseca Júnior (2010), grande capacidade adaptativa aos desafios emergentes na área da comunicação, garantindo uma concepção que Franco (2021) vê como igualmente crítica e dinâmica. Para Guerra (2006, p. 27), trata-se de uma forma de racionalização das práticas cotidianas. Bardin (1977) constata que o processo taxonômico é parte do nosso cotidiano. Ela frisa que o sucesso da AC está ligado à ideia implícita de a categorização ser confiável, sem promover desvios. A autora afirma que apenas com o sucesso nesta etapa é que a análise derradeira poderá ser exitosa.

Sampaio e Lycarião (2021, p. 49) complementam lacunas que enxergam em manuais anteriores ao elencar que a análise de conteúdo, após a identificação do problema e a elaboração das hipóteses, deve ter a seleção das unidades de análise realizada em categorias previamente definidas de acordo com uma planilha de codificação adequada para a pesquisa. Elas posteriormente seriam testadas, tabuladas e interpretadas. Para este artigo, os personagens das reportagens do Jornal Nacional sobre meio ambiente exibidas dentro do recorte foram agrupados em unidades classificadas como “poder”, “meio ambiente”, “queimadas”, “populares” e

“economia”. Elas representam o perfil profissional e social dos entrevistados, sendo respectivamente associadas aos nomes do universo político, do campo científico ambiental, dos cidadãos diretamente afetados pela crise climática, dos profissionais que trabalhavam no combate aos incêndios e dos especialistas nos impactos financeiros da calamidade.

### **3 A relevância do Jornal Nacional na televisão brasileira**

No ar desde 1º de setembro de 1969, durante a ditadura militar, o Jornal Nacional foi o primeiro telejornal brasileiro exibido em rede nacional. O noticiário rapidamente se fixou como líder de audiência, mantendo a posição até a atualidade. Hilton Gomes e Cid Moreira, apresentadores da edição inaugural, destacaram ao longo dela expressões como “imagem e som de todo o país” e “o Brasil ao vivo aí na sua casa”, ressaltando o principal diferencial da atração.

Principal vitrine do telejornalismo da Globo, sendo o espaço em que a emissora habitualmente expressa os seus pronunciamentos editoriais e interesses comerciais, o JN atualmente é exibido de segunda a sábado em faixa nobre, às 20h30 (horário de Brasília), posicionado entre duas telenovelas, o que Silva (1985, p. 35) vê como uma estratégia perfeita de popularização.

Sua relevância é tamanha que as redes nacionais de rádio e televisão são habitualmente convocadas pelos chefes dos poderes justamente para o horário em que ele entraria no ar, mesmo que os telejornais das emissoras concorrentes sejam exibidos em faixas diversas. Desse modo, os telespectadores que sintonizam no aguardo do JN são expostos ao conteúdo oficialista enquanto esperam pelo início do noticiário da TV Globo. Em 2019, o telejornal atingia cerca de 19 milhões de brasileiros todos os dias. Silva (1985, p. 14) frisa que as contradições do JN em sua trajetória cinquentenária não devem servir como motivo para que a sua audiência seja vista como um corpo social homogêneo.

Para Bonner (2009, p. 14), “o JN está disponível a todos os brasileiros com acesso à energia elétrica e uma televisão diante dos olhos”. Ele aponta (2009, p. 13) que “temas comuns aos jornais impressos, aos programas jornalísticos de rádio, aos sites de internet voltados para notícias e, em parte, às revistas semanais de informação” são pautados pela atração, que precisa possuir “um texto claro, para ser compreendido ao ser ouvido uma única vez, ilustrado por imagens que despertem o interesse do público por eles – mesmo que não sejam temas de apelo popular imediato”, diante da sua presença em sinal aberto de televisão. Squirra (1989, p. 51) lembra que a televisão ampliou não apenas o alcance dos acontecimentos, mas também os sentidos para as suas interpretações.

Na visão da Globo (2019, p. 46), a universalização da internet na última década alterou a função do Jornal Nacional na sociedade. “Em vez de fonte de primeira mão, ele segue no papel de organizar os tantos e tantos fragmentos de notícias em uma história com começo, meio e fim”, sendo uma referência para legitimação das notícias. Bonner (2009, p. 48) destaca também os números internos do JN, relatando que 600 equipes completas podem ser potencialmente mobilizadas por dia para a atração. Segundo ele, esse contingente de profissionais corresponde ao dobro do tamanho da redação dos maiores veículos impressos do país.

O Jornal Nacional chega a ser definido por Pires (2009, p. 51) como “uma espécie de relógio social que organiza as rotinas, destaca os rituais e enfatiza os papéis na vida familiar” por sua significativa influência na vida pública nacional. Diante de tamanha penetração na sociedade, Silva (1985, p. 14) reconhece que “ao invés de desprezar e ignorar o JN, é mais útil estudá-lo, ainda que não se concorde com o núcleo de ideologia que por meio dele se divulga”. Para o autor, como é impossível desconhecer o telejornal, o entender melhor traz unicamente benefícios para quem deseja compreender a cultura brasileira contemporânea.

Bonner (2009, p. 21) aponta que uma das metas do JN, desde a sua estreia, é antecipar “os assuntos que seriam destacados na primeira página dos principais jornais impressos do dia seguinte”. Diante da subjetividade dos critérios de seleção de cada veículo, elevar o número de coincidências seria um indicativo sobre o telejornal ter estado “mais perto (...) de atingir o objetivo de mostrar o que de mais importante havia em termos de notícias”. Para Silva (1985, p. 15), a “impressionante audiência que obtém” e o “requite da divisão social do trabalho que envolve” caracterizam o Jornal Nacional como um bem simbólico e material produzido em escala industrial.

Ao longo de suas mais de cinco décadas, o JN destacou os assuntos ambientais especialmente em ocasiões de grandes conferências ou catástrofes. Um dos primeiros momentos que permitiu a apresentação da temática ao público com maior profundidade foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, mais conhecida como Rio-92. Trigueiro (2005) lembra o evento como um marco nas redações brasileiras, dando um protagonismo até então inédito para o assunto. Globo (2004, p. 253) relata que a emissora chegou a preparar um dicionário com termos sobre meio ambiente para preparar as suas equipes diante do investimento no evento. O JN voltou a ter o meio ambiente em foco em outros momentos pontuais nos anos posteriores, como na crise energética de 2001 e nas enchentes registradas no Vale do Itajaí (Santa Catarina) e na Região Serrana (Rio de Janeiro) em 2008 e 2011, respectivamente. Nos desastres climáticos, os apresentadores William Bonner e Renata Vasconcellos foram enviados para as localidades das inundações e deslizamentos, medida que se repetiu durante a catástrofe de 2024 no Rio Grande do Sul.

Em 2012, quando foi realizada a Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável que celebrou as duas décadas do encontro anterior na capital fluminense, a Globo deslocou a apresentação de diversos de seus telejornais para um estúdio de vidro montado no local, especialmente nos dias em que chefes de Estado estavam presentes. O Jornal Nacional foi representado por Patrícia Poeta. Na semana anterior ao encontro, o noticiário exibiu uma série de reportagens especiais sobre energia, finalizada com um episódio sobre as alternativas eólica e solar.

A década ainda ficaria marcada no Brasil por duas tragédias ambientais de grandes proporções envolvendo o rompimento de barragens nos municípios mineiros de Mariana e Brumadinho, respectivamente nos anos de 2015 e 2019. Girardi, Loose e Steigleder (2020, p. 59) apontam que em casos do tipo, contabilizados mais facilmente em torno das vítimas, o JN “repercute e dá continuidade à pauta ambiental, destacando as consequências de desastres e passando a adotar, de pouco em pouco, um olhar que valoriza a necessidade de precaução”.

O Jornal Nacional finalizou 2019 com uma média anual de 28 pontos de audiência no Painel Nacional de Televisão (PNT)<sup>5</sup>, número que representa 19.426.064 telespectadores distribuídos em 7.131.007 domicílios. Mesmo registrando queda em relação ao ano anterior (29,2), o número superou os índices verificados entre 2014 e 2016, período em que o noticiário viveu uma prolongada crise de audiência pelo confronto com a telenovela Os Dez Mandamentos, da TV Record. Historicamente, as ameaças ao papel de líder do JN em seu horário sempre vieram da teledramaturgia, como aconteceu nos embates com a versão mexicana de Carrossel (SBT, 1991) e com Prova de Amor (Record, 2005). Assim, mesmo quando não consegue se manter no topo da faixa em que é exibido, o telejornal global continua como o produto mais assistido do seu gênero entre todas as emissoras.

Ao longo de 2019, o JN manteve 43,1% dos televisores ligados durante a sua exibição sintonizados na TV Globo. A porcentagem, comumente descrita como *share* pela mídia especializada em cobertura televisiva, representa a participação não somente entre as concorrentes diretas, incluindo também os aparelhos plugados em jogos e aplicativos, entre outras ferramentas. A análise percentual é importante para as comparações entre períodos temporais distantes por não estar sujeita às adequações sofridas no valor de cada ponto de acordo com a variação no tamanho da população no país.

---

<sup>5</sup> O PNT é composto pelas quinze regiões metropolitanas em que a medição de audiência é realizada em tempo real e que são apontadas pelo mercado publicitário como as mais relevantes para a definição dos investimentos comerciais. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Recife, Fortaleza, Curitiba, Brasília, Goiânia, Campinas, Belém, Vitória, Manaus e Florianópolis compõem a lista (Sawaia *et al.*, 2016, p. 195).

No período entre 19 e 24 agosto de 2019, que compreende da segunda ao sábado da última semana integralmente dentro do mês, o Jornal Nacional obteve média de 31,8 pontos de audiência no país, número 13,5% maior do que o padrão anual, indicando o interesse destacado do público pelas notícias exibidas nessas edições. O índice garantiu o telejornal como o segundo produto mais assistido da televisão brasileira, atrás apenas de *A Dona do Pedaço*, novela exibida às 21h pela TV Globo na época.

O número indica que, em média, 22.062.458 brasileiros foram alcançados diariamente pelo telejornal somente nas quinze regiões metropolitanas que compõem o PNT na referida semana. No acumulado do período, a Kantar Ibope aponta que 30.315.200 brasileiros assistiram pelo menos um minuto do JN durante as edições levadas ao ar.

Nos Estados Unidos, os telejornais noturnos dos três principais emissoras do país somados, tiveram um alcance médio de 23.576.000 telespectadores no primeiro semestre de 2021. De acordo com a Nielsen, responsável pela medição de audiência no país, o líder *ABC World News Tonight* não chega a atingir metade do público conseguido pelo JN. O paralelo com os EUA também é utilizado por Bonner (2009, p. 20) para lembrar da vocação factual do JN, lembrando que o modelo é chamado de *hard news* pelos estadunidenses.

Os índices do JN mostram-se díspares em relação à média nacional nos dois centros amazônicos presentes na lista. Em Belém, o telejornal teve média semanal de 36,1 pontos (a maior do país). Em Manaus, foram 25,4 pontos (a quarta menor do país, superando apenas Salvador, Goiânia e Fortaleza). A explicação mais provável para o desempenho na capital amazonense, contudo, incide sobre o fuso horário. O Jornal Nacional é exibido ao vivo às 19h30 locais, uma faixa em que a o total de televisores ligados ainda não atingiu o seu auge por muitos trabalhadores e estudantes ainda não estarem em casa após o dia de atividades.

Na referida semana, as dez atrações mais assistidas pelos brasileiros na TV foram todas da rede carioca. Na sequência, além de *A Dona do Pedaço* e do Jornal Nacional, a lista é completada pela novela *Bom Sucesso*, a partida entre Flamengo e Internacional pelas quartas de final da Taça Libertadores da América, a segunda edição do *Praça TV*, o *The Voice Brasil*, a novela *Órfãos da Terra*, o *Globo Repórter*, o humorístico *Zorra* e a partida entre Vasco e São Paulo pelo Campeonato Brasileiro. Atração nacionalmente mais assistida fora da TV Globo no período, o Programa *Silvio Santos* (SBT) teve apenas metade do público do décimo colocado no *ranking* global. Diante do poderio midiático e financeiro apresentado pelo Jornal Nacional, fica notório que cada minuto levado ao ar pelo noticiário televisivo da TV Globo possui o potencial de impactar a sociedade brasileira.

#### **4 As necessidades para a construção do jornalismo ambiental**

Levando em consideração o contexto dos principais elementos que compuseram a cobertura e a dimensão do JN desde sua criação a partir de nossa perspectiva de análise, buscamos responder se o Jornal Nacional, a partir de seus critérios de noticiabilidade, praticou o que autores como Bueno (2007b), Geraque (2004) e Bridi (2012) consideram jornalismo ambiental ou se realizou apenas um jornalismo sobre meio ambiente em sua edição dedicada às queimadas na Amazônia exibida logo depois do pronunciamento obrigatório de Jair Bolsonaro, no dia 23 de agosto de 2019.

De modo geral, a pauta ambiental no jornalismo passou, nas últimas décadas, a ir além da ciência e da política, se tornando relevante também para celebridades, esportistas e religiosos. O jogador de futebol português Cristiano Ronaldo e a cantora estadunidense Madonna, entre outras personalidades mundiais, se pronunciaram sobre os incêndios amazônicos em 2019, por exemplo. Franco e Miguel (2022, p. 6) destacam que, embora o espaço dedicado para a temática ambiental seja crescente, a abordagem da mídia segue sem contextualizar o público de forma consistente. Miguel e Machado (2019, p. 3) ressaltam tratar da questão ambiental exige uma visão sistêmica acerca das problemáticas, considerando também questões sociais ligadas de forma direta ao fator humano.

Trigueiro (2005) considera que, a manutenção do meio ambiente como assunto tratado de forma periférica, ocorre pela amplitude da questão ainda não ter sido alcançada pelas redações. Conforme Lima (2014, p. 219), ao se constatar que uma enorme parcela da população recebe apenas as informações divulgadas pela mídia hegemônica, os conflitos entre o modelo econômico vigente e a relação entre o homem e a natureza acabam sendo menosprezados. Dessa forma, Lima (2015, p. 76) enxerga que a temática ambiental deve ser constantemente associada de forma ideal com a própria concepção sobre a qualidade de vida das pessoas para que atinja seu alcance pleno. Bueno (2007a, p. 38) destaca que a pauta ambiental possui grande complexidade diante das suas ligações com elementos nem sempre relacionados pela imprensa, como economia e cultura. O autor observa que governos e empresas buscam se apropriar da temática em diversas ocasiões.

Para Loose e Girardi (2017, p. 159), além da necessidade de um olhar que procure visibilizar as interdependências existentes entre economia, política, cultura e ambiente, o jornalismo ambiental deve visar estar em pauta de forma permanente, sem se permitir ser representado unicamente com associações sobre a fauna e a flora. Conforme pontua Bueno (2007b, p. 35), o jornalismo ambiental é a cobertura sobre a temática que deve cumprir

principalmente três funções: informativa, pedagógica e política. Dessa forma, além dos critérios de noticiabilidade, o jornalismo ambiental deve ser guiado por explicitar causas e soluções, sendo essencial para a mobilização da sociedade diante de questões de interesse público. Geraque (2004, p. 101) lembra ainda que os impactos devem ser estimados antes de consumados, utilizando a posição privilegiada da imprensa para buscar prevenir danos que afetem as gerações seguintes.

Miguel (2009, p. 13) ressalta que a maior parte da sociedade toma conhecimento dos assuntos ambientais apenas por meio da veiculação na mídia. Por isso, frisa a autora (2009, p. 17), que é especialmente danoso para a causa quando produções jornalísticas restringem o assunto ao viés natural, sem que as interdependências sociais e culturais sejam exploradas. Para Bridi (2012, p. 251), o papel educativo do jornalismo ambiental também passa por dimensionar corretamente para as pessoas sobre os efeitos de cada atividade. Ela lembra que as queimadas e desmatamentos no Brasil priorizam um modelo pouco eficiente de pecuária, mesmo que tenhamos terras livres suficientes. A autora (Bridi, 2012, p. 250) pontua que interromper a derrubada da floresta no território nacional seria mais efetivo para o corte de emissões do efeito estufa até mesmo do que uma mudança de matriz energética. O apontamento dessa responsabilidade pedagógica é feito também por Loose e Girardi (2009, p. 2). Diante da constatação de que “milhares de pessoas formam opiniões a partir daquilo que é legitimado no campo midiático”, as autoras indicam a crucialidade do papel jornalístico em atribuir significados aos fatos científicos, para que eles se transformem em alvos reais de reflexões.

Geraque (2004, p. 80) enfatiza que os significados produzidos pelo jornalismo ambiental possuem nuances e transversalidades que deveriam estar sempre ligadas ao trabalho de campo, em uma “espiral de relações que vai dos ribeirinhos aos empresários”. Essa missão é especialmente reforçada com o advento das *fake news*, quando até mesmo chefes de Estado passam a tentar desacreditar o trabalho da imprensa e dos cientistas. O antídoto contra esse discurso está presente na busca pela clareza dos métodos e critérios utilizados pelo jornalismo na atualidade. No Brasil, Jair Bolsonaro é um dos políticos notórios pela disseminação de desinformação em seus discursos, padrão mantido enquanto exerceu o cargo de presidente da República. Na análise de 112 declarações do chefe do Executivo sobre a temática ambiental entre janeiro de 2019 e julho de 2020, houve a classificação por Costa, Nóbrega e Holanda (2020) de 68 delas como falsas, 26 como imprecisas e duas como exageradas.

Miguel e Machado (2019, p. 4) lembram que a sensibilidade profissional deve ser acentuada na cobertura ambiental, sem que o receio da parcialidade possa limitar o trabalho ao ponto de o distanciar da realidade. Belmonte (2017, p. 120) pontua que as pautas sobre meio

ambiente sofrem de maneira especial com a escassez de gastos e de pessoal nas redações. Para ele (2017, p. 119), é importante driblar as dificuldades conseguindo fontes diversificadas, que olhem “além das consequências, em busca das causas e soluções dos problemas”. Na atualidade, o ex-presidente do INPE Ricardo Galvão relatou que sente a ausência da temática ambiental sendo tratada pela mídia com regularidade (Félix, 2022). Tavares (2014, p. 62) enxerga a televisão como um espaço privilegiado para a relação entre o audiovisual e a divulgação científica.

Como sintetiza Steinbrenner (2006, p. 186), a informação é um capital simbólico estratégico que possui a capacidade de inferir nas posições dos atores no jogo político. Nesse cenário, nenhuma arena possui mais poder influenciador no Brasil do que o JN.

## **5 A rede nacional de televisão convocada por Jair Bolsonaro**

No dia 22 de agosto, antes da realização do pronunciamento de Jair Bolsonaro, o principal destaque ambiental do Jornal Nacional foi em torno da manifestação do presidente francês Emmanuel Macron, já determinante para que o protagonismo da cobertura atingisse um novo patamar. Em sua primeira frase, a escalada do JN adiantou que “o mundo se preocupa com o avanço das queimadas na Amazônia”. Pouco mais de um terço da edição se voltou ao tema, com reportagens de Júlio Mosquera e Luis Fernando Silva Pinto em, respectivamente, Brasília e Washington. O VT da capital estadunidense mostrou imagens de atrações das emissoras americanas ABC e NBC destacando os incêndios florestais.

A repercussão crescente motivou o Palácio do Planalto a convocar uma rede nacional de televisão no dia seguinte. Diante da imprevisibilidade da duração do discurso, a TV Globo exibiu as chamadas do Jornal Nacional ao longo da noite anunciando a edição para “logo depois do pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro”. A prévia do conteúdo levada ao ar durante os intervalos comerciais já adiantava que “a política ambiental para a Amazônia se transforma em uma crise internacional e diplomática”.

Mais cedo, o jornal Bom Dia Brasil já havia sido aberto com o destaque para uma reunião de emergência realizada por Bolsonaro na noite anterior. Na escalada do matinal, Chico Pinheiro frisou que as acusações realizadas pelo então presidente, contra organizações não governamentais eram “sem provas”. As queimadas foram ressaltadas também na edição do Jornal Hoje exibida no dia 23, que frisou a emergência decretada pelo Acre em sua abertura. Outro tema priorizado foi a contratação de um avião-tanque pelo governo da Bolívia para o combate aos incêndios na fatia amazônica do país andino.

A rede nacional de televisão convocada por Jair Bolsonaro foi iniciada pontualmente às 20h30min. de Brasília. Ao todo, foram 4m47s de programação nas emissoras abertas dedicados à exibição do pronunciamento, iniciado contextualizando a “crescente atenção do Brasil e do mundo” que a região amazônica havia conquistado nas semanas anteriores. A fala tentou exaltar o Brasil como um exemplo de sustentabilidade, porém também minimizou a conservação da natureza em prol do “dinamismo econômico proporcional às riquezas ali existentes”. O principal anúncio da noite foi da autorização da realização de uma operação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) nos estados da Amazônia Legal, permitindo o emprego das Forças Armadas no combate aos incêndios. Amaral (2023, p. 52) ressalta que não houve a citação de fontes para diversas declarações, como a narrativa de que o regramento ambiental brasileiro serviria como modelo mundialmente.

As convocações de redes nacionais foram raras durante o primeiro ano do mandato de Jair Bolsonaro. O instrumento, idealizado ainda no governo militar de João Baptista de Oliveira Figueiredo, foi acionado pelo presidente da República em apenas cinco ocasiões ao longo de 2019, conforme levantamento de Amaral (2023, p. 47)<sup>6</sup>. Na maioria dos casos excepcionais, a prioridade foi para a pauta econômica, anunciando a entrega ao Congresso Nacional do texto da reforma da Previdência e a sua posterior aprovação na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania da Câmara dos Deputados, respectivamente nos meses de fevereiro e abril. Em outubro, quando a medida foi efetivamente aprovada pelo Legislativo, não houve um novo comunicado, o que indica que as falas serviram prioritariamente como instrumento de pressão para mobilizar votos dos parlamentares. As outras falas, além do pronunciamento relativo aos incêndios, ocorreram no Dia do Trabalhador e na véspera de Natal.

Em forma de protesto, painéis ocorreram simultaneamente em diversas cidades brasileiras durante o pronunciamento sobre as queimadas. Ao longo do dia, membros da oposição também se manifestaram nas redes sociais, como alguns dos outros presidentiáveis que disputaram a eleição de 2018. A soberania, deixa evocada por Bolsonaro na TV, também foi utilizada por Fernando Haddad para apontar que o presidente faria um “governo antinacional e antissocial”. Para Marina Silva, as manifestações da luta e da resistência em defesa da Amazônia deram prosseguimento ao legado do ambientalista Chico Mendes.

---

<sup>6</sup> No ano seguinte, seriam oito redes nacionais convocadas por Bolsonaro. Além de repetir o resumo do ano de governo no dia anterior às comemorações natalinas, ele falou também no feriado pela Independência do Brasil e em seis ocasiões diferentes entre março e abril pela chegada da pandemia de Covid-19 ao país, em muitas das vezes minimizando o impacto do vírus.

## 6 Depois do discurso, o poder e a ciência se equilibram no JN

Entrando no ar logo depois do discurso presidencial, o Jornal Nacional transmitiu doze diferentes conteúdos sobre a crise ambiental na sua edição de 23 de agosto. A escalada foi aberta anunciando que “sobe a temperatura na crise das queimadas”. A ajuda militar aos estados amazônicos, medida que já era aguardada em Brasília, foi abordada por Delis Ortiz logo na reportagem de abertura da edição. Ao todo, a repercussão das queimadas ocupou 60,3% da edição do telejornal no dia. Ao longo do mês de agosto, a proporção média ficou em 21,2%.

A repercussão internacional também foi amplamente destacada. De Paris, o correspondente Rodrigo Alvarez mostrou a preocupação de líderes planetários com os incêndios. O francês Emmanuel Macron emitiu uma nota em que apontou o contraste entre a postura de Jair Bolsonaro diante da crise e as promessas que ele havia feito meses antes, diante da comunidade internacional durante a reunião do G20 no Japão. Em Londres, Pedro Vedova resumiu os protestos diante das representações brasileiras em diversas capitais europeias. A reação da diplomacia para conter a crise de imagem foi abordada por Júlio Mosquera, de Brasília. Já o temor de que as exportações do agronegócio sofressem represálias, especialmente dos europeus, foi descrito de São Paulo por Elaine Bast.

A repercussão internacional trouxe ainda uma reportagem realizada por Ismar Madeira em Nova York, destacando as imagens da NASA evidenciando a cortina de fumaça que cobria os estados do Amazonas, Mato Grosso e Rondônia. A agência espacial dos Estados Unidos é parceira do INPE, que utiliza os registros norte-americanos para apontar preliminarmente os números de focos de queimadas.

Na edição, o JN também se dedicou a corrigir controvérsias, como com a reportagem de André Trigueiro esclarecendo a imprecisão que é chamar a Amazônia de “pulmão do mundo”. Já por meio de nota coberta, foi explicado ainda o contexto cronológico e geográfico preciso de algumas das fotos utilizadas por personalidades globais para protestar contra as queimadas.

O mesmo recurso foi utilizado para ilustrar a tela com gráficos, que compararam os níveis de desmatamento ao longo dos anos no período entre os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro. Advogados do petista pleitearam o direito de resposta, após um paralelo realizado pela atração dias antes utilizando a retórica dos políticos sobre as políticas ambientais da Europa. A exibição dos índices utilizou o número anual de quilômetros quadrados desmatados na Amazônia como métrica. Houve a indicação de que 2003 e 2004, os dois primeiros anos do PT no poder foram marcados por picos da prática. Depois, diante da implantação efetiva de políticas de combate ao desmatamento, houve uma tendência

permanente de queda até 2012, já no mandato de Dilma Rousseff, quando a curva foi novamente invertida. Ainda na edição, a sugestão feita ao Supremo Tribunal Federal (STF) por Rodrigo Maia, então presidente da Câmara dos Deputados, de utilizar recursos recuperados da Petrobras no combate às queimadas, foi sintetizada em uma nota pelada.

O JN exibiu também notas cobertas mostrando os protestos ocorridos em diversas cidades brasileiras em defesa da Amazônia. Foram ao ar primeiramente as manifestações de rua ocorridas ao longo do dia. Em outro bloco, houve a compilação dos painéis ocorridos simultaneamente ao discurso noturno de Jair Bolsonaro. Ao mostrar rapidamente que diversas cidades repetiram o ato de protesto, o Jornal Nacional cumpriu o que Vizeu (2009, p. 77) aponta como função da televisão de reforçar a existência da realidade na sociedade contemporânea, afastando a sensação de que estaríamos sozinhos.

Embora as manifestações tenham ocupado 7,5% do espaço da cobertura ambiental do Jornal Nacional durante a totalidade do mês, as vozes de populares representaram 6,5% da proporção na contagem das sonoras levadas ao ar. Dessa forma, confirma-se que a atração não dá voz direta ao público comum mesmo em algumas das ocasiões em que as reuniões resumidoras das demandas da coletividade são transmitidas.

A edição do dia seguinte (24), um sábado, trouxe a sua abertura servindo como suíte do conteúdo veiculado 24 horas antes, enfatizando a atuação das Forças Armadas no combate aos incêndios. De Belém, Fabiano Villela relatou que pelo menos seis estados já haviam feito a solicitação horas depois da oferta federal. Em Brasília, a repórter Raquel Porto Alegre mostrou a organização do Ministério da Defesa para o atendimento das demandas.

A atenção internacional diante das queimadas também voltou a ser realçada. No dia que marcou o início da reunião do G7 na França, o correspondente Rodrigo Alvarez mostrou a unanimidade dos países mais ricos do mundo em defesa da floresta. De São Paulo, a repórter Renata Ribeiro abordou as tensões sobre o acordo comercial envolvendo o Mercosul e a União Europeia diante da crise entre os líderes do Brasil e da França. O dia voltou a ser marcado também por movimentações em cidades ao redor do mundo em prol da proteção da Amazônia. A nota coberta narrada por Ana Luiza Guimarães destacou os protestos nos municípios de Natal, Belém, Recife, Porto Alegre, Manaus e Goiânia. Do exterior, foram exibidos os atos ocorridos em Lisboa e Nova York.

A edição buscou ainda destacar exemplos positivos da sociedade brasileira em prol do meio ambiente. O conteúdo que abriu o segundo bloco do telejornal foi a reportagem de Fábio Turci na Virada Sustentável de São Paulo, que destacou novos hábitos para o tratamento do lixo urbano. De Porto Alegre, a repórter Isabel Ferrari trouxe logo depois um material sobre como

a reciclagem de tampas de garrafas plásticas pode ser aproveitada de maneiras econômica e artística. O foco nessas situações, classificadas como oásis por Geraque (2004, p. 96), é uma das formas em que o jornalismo ambiental pode cumprir o seu papel como função pública.

A audiência individualizada de cada dia de semana foi obtida por esta pesquisa apenas no recorte referente à Grande São Paulo, principal região para a análise comercial do público televisivo pelo mercado publicitário. Nesse ambiente, o Jornal Nacional atingiu 33,2 pontos de audiência na quinta (22), 32,6 na sexta (23) e 29,8 no sábado (24). Nos dias úteis, os índices foram superiores aos registrados exatamente uma semana antes, quando a cobertura dos incêndios ocupou um espaço proporcionalmente inferior na composição da atração. Na sexta, ao elevar os números da TV Globo após o pronunciamento, o JN foi capaz de conseguir sozinho um público equivalente a cerca de 70% do alcance da fala presidencial na soma das principais redes abertas dentro da região metropolitana da capital paulista.

O telejornal, contudo, seguiu abrindo um espaço relevante para as vozes do Executivo federal na edição que sucedeu o discurso presidencial. Entre os personagens diretamente escutados pelo JN no dia 23 sobre a temática ambiental, 18,1% das falas foram de figuras que integravam o primeiro escalão do governo. Ao todo, quando se incluem também a repercussão das ações de antigos ocupantes de cargos públicos e de líderes estaduais e do Legislativo, o campo convencionado como “poder” foi responsável por 45,5% dos discursos. É uma prevalência que se manteve de forma perene ao longo de todo o mês. Na análise feita por Félix (2022) contemplando as 27 edições do Jornal Nacional exibidas ao longo de agosto, esse recorte foi o responsável por 42,1% das falas.

A entrada no ar na sequência de um pronunciamento com viés negacionista, contudo, contribuiu para que fosse ampliado o tempo de fala dos especialistas ambientais referendados pela comunidade acadêmica. O meio científico, que ocupou 26,3% das sonoras ao longo do mês, saltou para 36,3% na edição do dia 23. Em ambos os recortes, foi o segundo mais destacado. Na referida sexta-feira, o único outro campo que entrou no ar com protagonismo foi o econômico, que respondeu por 18,1% dos personagens.

O destaque dado pelo Jornal Nacional para uma dita pauta “ecotecnocrática” também foi identificado por Pimentel (2022, p. 60) ao analisar uma seleção de matérias exibidas entre agosto de 2019 e setembro de 2020 dentro da seara ambiental. O autor observou “o predomínio de fontes oficiais e ligadas a setores econômicos ou políticos, havendo escassez de escuta de povos originários e integrantes de comunidades que fujam da lógica padrão capitalista e liberal”. Fica notória, portanto, a concentração do conteúdo em declarações de fontes externas como forma de evitar um posicionamento direto da emissora.

## 7 Considerações finais

Apesar de seguir priorizando os integrantes do poder, a soma dos conteúdos estritamente ligados à produção científica com outras vozes, como as de representantes diretos do campo econômico, ocupou mais tempo na cobertura ambiental do Jornal Nacional durante agosto de 2019 do que o universo político. Mesmo que não tenham surgido na edição levada ao ar no dia 23, ao longo do mês também foram acionados representantes que estavam atuando de forma direta no combate às queimadas e, em menor grau, populares.

Assim, apesar da continuidade do foco oficialista, replicando o padrão demonstrado ao longo das cinco décadas do JN no ar, a agenda sobre o assunto não é integralmente dominada pelas autoridades, permitindo que as ações e cobranças dos diferentes campos que reúnem um viés defensor do meio ambiente também alcancem destaque. Um viés de equilíbrio na seleção dos formadores de opinião, com a acentuação da multiplicidade de vozes, é essencial para que o telejornal não apenas informe, mas também eduque a sua audiência em torno da questão ambiental. Dessa forma, será possível observar em comparações futuras uma desejada diversidade de conteúdo, permitindo o cumprimento da transversalidade que Loose e Girardi (2017) apontam como essencial para um jornalismo ambiental de qualidade.

No atual cenário da mídia brasileira, mesmo com um longo caminho a percorrer para uma comunicação ambiental plena, o Jornal Nacional faz uma cobertura digna de ser considerada referência para os seus pares transmitidos por sinal aberto de televisão. Para um maior êxito, ao tratar sobre o meio ambiente, resta ainda ao telejornal a busca por ampliar a aproximação com os entes diretamente impactados pelas consequências das queimadas e de outras alterações climáticas. A visibilidade direta aos afetados pelas consequências dos desastres, tornando a população amazônica efetivamente também protagonista de sua própria narrativa, é o próximo passo necessário para aproximar o JN de um jornalismo ambiental completo.

## Referências

AMARAL, L. R. M. **O discurso político na constituição do sujeito presidente:** uma análise dos pronunciamentos de Jair Bolsonaro em rede nacional de rádio e televisão nos anos 2019, 2020 e 2021. 2023. 151 f. Dissertação (Especialização em Estudos Linguísticos) — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/38830/1/ODiscursoPolitico.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2025.

AMORIM, R. N. **A mídia global:** um caminho livre para o negacionismo climático. 2022. 41 f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34482/1/M%c3%addiaGlobalCaminho.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEHR, K. R. **A conspiração do clima: populismo e negacionismo climático no início do governo Bolsonaro (2018 – 2020)**. 2022. 288 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) — universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: [http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/44634/1/2022\\_KlausRamalhovonBehr.pdf](http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/44634/1/2022_KlausRamalhovonBehr.pdf). Acesso em: 03 já. 2025.

BELMONTE, R. V. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 110-125, 2017. DOI: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.6220176656>. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>. Acesso em: 03 já. 2025.

BONNER, W. **Jornal Nacional: Modo de Fazer**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

BRIDI, S. **Diário do Clima**. São Paulo: Globo, 2012.

BUENO, W. C. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara, 2007a.

BUENO, W. C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, p. 33-44, 2007b. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/download/11897/8391>. Acesso em: 03 jan. 2025.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COSTA, L. M.; NÓBREGA, L. B.; HOLANDA, J. S. P. Os discursos por trás da desinformação governamental: uma análise sobre declarações presidenciais acerca de incêndios florestais. *In*: GOBBI, M. C.; SIMÕES, R. **Sociedade, ativismo midiático e democracia**. Aveiro: Ria Editorial, 2020. Disponível em: [https://indd.adobe.com/view/publication/094691d0-89d9-45da-b90c-04df006777cf/yrqp/publication-web-resources/pdf/Sociedade\\_ativismo\\_midiatico\\_e\\_democracia.pdf](https://indd.adobe.com/view/publication/094691d0-89d9-45da-b90c-04df006777cf/yrqp/publication-web-resources/pdf/Sociedade_ativismo_midiatico_e_democracia.pdf). Acesso em: 03 jan. 2025.

FÉLIX, L. R. **A crise ambiental na Amazônia em 2019: análise da cobertura do Jornal Nacional**. 2022. 133 f. Dissertação (Metrado em Estudos da Mídia) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/53092/1/CriseambientalAmazonia\\_Felix\\_2022.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/53092/1/CriseambientalAmazonia_Felix_2022.pdf). Acesso em: 03 jan. 2025.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de conteúdo. *In*: BARROS, A.; DUARTE, J. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em: [https://evirtual.upra.ao/examples/biblioteca/content/files/com\\_jorge%20duarte%20&%20antonio%20barros%20-%20metodos%20e%20tecnicas%20de%20pesquisa%20em%20comunicacao%20\(2005\).pdf](https://evirtual.upra.ao/examples/biblioteca/content/files/com_jorge%20duarte%20&%20antonio%20barros%20-%20metodos%20e%20tecnicas%20de%20pesquisa%20em%20comunicacao%20(2005).pdf). Acesso em: 03 jan. 2025.

FRANCO, A.; MIGUEL, K. G. Midiativismo ambiental: a boiada de Ricardo Salles na Amazônia Real. **Esferas**, [s. l.], v. 1, n. 25, p. 510-530, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31501/esf.v1i25.13888>. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/13888>. Acesso em: 03 jan. 2025.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Campinas: Autores Associados, 2021.

GERAQUE, E. Perceber a biodiversidade. In: VILLAS BOAS, S. **Formação & Informação Ambiental**. São Paulo: Summus, 2004.

GIRARDI, I. M. T.; LOOSE, E. B.; STEIGLEDER, D. G. Novos rumos da cobertura ambiental brasileira: um estudo a partir do Jornal Nacional. **TraHs**, [s. l.], n. 7, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25965/trahs.2054>. Disponível em: <https://www.unilim.fr/trahs/index.php?id=2054&lang=pt>. Acesso em: 03 jan. 2025.

GLOBO. **JN: 50 anos de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GUERRA, I. C. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso**. São João do Estoril: Príncípia, 2006.

LIMA, M. D. V. *et al.* A comunicação ambiental e suas potencialidades no enfrentamento dos dilemas socioambientais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 34, p. 75-84, 2015. DOI: 10.5380/dma.v34i0.39965. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/viewFile/39965/26085>. Acesso em: 03 jan. 2025.

LIMA, M. D. V. *et al.* Os dilemas da Comunicação Ambiental no contexto do desenvolvimento hegemônico. **Comunicação, Mídia e Consumo**, [s. l.], v. 11, n. 32, p. 203-221, 2014. DOI: <https://doi.org/10.18568/cmc.v11i32.703>. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/703>. Acesso em: 03 jan. 2025.

LOOSE, E. B.; GIRARDI, I. M. T. O jornalismo ambiental e seu caráter educativo. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: Intercom, 2009.

LOOSE, E. B.; GIRARDI, I. M. T. O Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos climáticos. **Interin**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 154-172, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169150>. Acesso em: 03 jan. 2025.

MIGUEL, J. C. H. A “meada” do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil. **Sociedade e Estado**, [s. l.], v. 37, n. 1, p. 293-316, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237010013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wCDHY4RdNWSBZC5m6Q7fpBx/>. Acesso em: 03 jan. 2025.

MIGUEL, K. G. **Os paradigmas da imprensa na cobertura das políticas ambientais**. 2009. 260 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Unesp, Bauru, 2009. Disponível em: [https://www.faac.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Comunicacao/DissertacoesDefendidas/katarini\\_miguel.pdf](https://www.faac.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Comunicacao/DissertacoesDefendidas/katarini_miguel.pdf). Acesso em: 03 jan. 2025.

MIGUEL, K. G; MACHADO, M. F. Jornalismo e afetos na experiência transmídia do movimento ambiental. **Revista Observatório**, [s. l.], v. 5, n. 4, p. 280–308, 2019. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p280. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5778>. Acesso em: 3 jan. 2025.

PIMENTEL, F. **Incêndios e queimadas na Amazônia**: posicionamentos editoriais adotados pelo Jornal Nacional. 2022. 70 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/240110>. Acesso em: 03 jan. 2025.

PIRES, G. L. **“Observando” o Pan Rio 2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

SAWAIA, J. *et al.* A jornada do consumo televisivo em diferentes plataformas na Era do Conteúdo Líquido. **Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, [s. l.], v. 9, n. 23, p. 193-213, 2016. Disponível em: <https://revistapmkt.com.br/wp-content/uploads/2022/01/3-A-jornada-do-consumo-televisivo-em-diferentes-plataformas-na-Era-do-Conteudo-Liquido.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2025.

SILVA, C. E. L. **Muito além do Jardim Botânico**: um estudo sobre a audiência do *Jornal Nacional* da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985.

SQUIRRA, S. **Aprender telejornalismo**: produção e técnica. São Paulo: Brasiliense, 1989.

STEINBRENNER, R. M. A. **Para além da informação: dilemas e desafios da participação**. 2006. 217 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) — Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Disponível em: [https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2528/1/Dissertacao\\_ParaAlemInformacao.pdf](https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2528/1/Dissertacao_ParaAlemInformacao.pdf), Acesso em: 03 jan. 2025.

TAVARES, D. Audiovisual e ciência: que tal uma DR? *In*: TAVARES, D.; REZENDE, R. **Mídias & Divulgação Científica - Desafios e Experimentações em meio à Popularização da Ciência**. Rio de Janeiro: Ciências e Cognição, 2014.

TRIGUEIRO, A. **Mundo sustentável**: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. São Paulo: Globo, 2005.

VICENTINI, J. O. *et al.* Passando a boiada: o desmatamento e as queimadas na Amazônia pela Folha de S. Paulo. 2022, João Pessoa. **Anais** [...] João Pessoa-PB: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003132586>. Acesso em: 03 jan. 2025.

VIZEU, A. O telejornalismo como lugar de referência e função pedagógica. **Revista FAMECOS**, [s. l.], v. 16, n. 40. p. 77-83, 2009. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2009.40.6321>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/6321>. Acesso em: 03 jan. 2025

**Data de submissão:** 24 de julho de 2024

**Data de aceite:** 26 de setembro de 2024